



## Como se estivéssemos em palimpsesto de putas

*Elvira Vigna*

Download now

Read Online ➞

# Como se estivéssemos em palimpsesto de putas

*Elvira Vigna*

## Como se estivéssemos em palimpsesto de putas Elvira Vigna

Dois estranhos se encontram num verão escaldante no Rio de Janeiro. Ela é uma designer em busca de trabalho, ele foi contratado para informatizar uma editora moribunda. O acaso junta os protagonistas numa sala, onde dia após dia ele relata a ela seus encontros frequentes com prostitutas. Ela mais ouve do que fala, enquanto preenche na cabeça as lacunas daquela narrativa.

Uma das grandes escritoras brasileiras da atualidade, Elvira Vigna parte desse esqueleto para criar um poderoso jogo literário de traições e insinuações, um livro sobre relacionamentos, poder, mentiras e imaginação.

## Como se estivéssemos em palimpsesto de putas Details

Date : Published July 26th 2016 by Companhia das Letras

ISBN : 9788535927399

Author : Elvira Vigna

Format : Paperback 216 pages

Genre : Womens, Contemporary, Romance



[Download Como se estivéssemos em palimpsesto de putas ...pdf](#)



[Read Online Como se estivéssemos em palimpsesto de putas ...pdf](#)

**Download and Read Free Online Como se estivéssemos em palimpsesto de putas Elvira Vigna**

---

# From Reader Review Como se estivéssemos em palimpsesto de putas for online ebook

**Eric Novello says**

Li toda a obra da Elvira, desde o comecinho.

Quando o André Conti disse que esse livro era pura Elvira, mas ao mesmo tempo diferente de todos os outros, pensei "hum, sei." Era como a gravadora dizendo "esse é o disco mais comercial da Bjork", e a Bjork dizendo "pobre gravadora, sempre diz isso." Mas nesse caso, o André tem razão.

Esse é um livro diferente. No modo de narrar, mais irônico. Na exposição dessa narradora, aqui mais próxima da autora do que de um personagem construído. Na sua estrutura, que não tem capítulos, e sim uma cadência de blocos de pensamento estruturado, como se fosse uma conversa que vai fluindo, fluindo. E que ao mesmo tempo oferece ao leitor mais momentos de pausa para um café, um xixi, para ir dormir, do que um romance tradicional ofereceria.

O livro vai além de um feminismo também. Não gosto desses termos tipo "pós-feminismo" e tal. E nem de resumir um livro a feminismo, não mesmo. Então eu diria que ele é contemporâneo além do que "literatura brasileira contemporânea" pode abarcar atualmente, sem aquele nariz pra cima de "ó, como sou contemporâneo". Porque ele é contemporâneo ao quebrar hierarquias babacas que estamos tentando quebrar desde o séc XX. Ele desconstrói um monte de coisas, e mostra homens e mulheres como iguais, ali, olho no olho. Inclusive nas fragilidades, apontadas com muito estilo. Ele coloca as escolhas nas mãos de seus personagens, que é como a vida deveria ser, nossas escolhas nas nossas mãos, e não nas mãos do estado, de religiosos retrógrados, do vizinho fifi, daquele cara que a gente tenta agradar na vida pessoal, família, trabalho.

Seus personagens escolhem por onde seguir. E essas escolhas trazem, obviamente, consequências. Que uns notam mais rápido do que outros, inconsequentes. Até que notam e não tem mais volta.

Ah, o livro não é sobre putas. É sobre vidas. Um homem conta à sua amiga suas histórias sobre as putas com quem dormiu. Pra ele sempre iguais, porque pra ele tanto faz a mulher, sendo ele o protagonista de suas transas. Conta pouco, e o que conta é desinteressante para a amiga, por isso a amiga vai inventando as histórias. Tornando humanas, transformando em pessoas as putas, a esposa, aquilo que o sujeito tenta ver como um artifício de si mesmo. E nisso a narradora inventa (nunca sabemos em que medida) a vida das putas, sua própria vida, a vida do homem com quem se encontra, a vida da esposa de quem o homem pouco comenta, mas que está sempre presente.

São muitos os personagens que passam por esse palimpsesto, um dando lugar ao próximo, numa versão mais firme, menos rascunhada, a cada vez que a narradora repassa na cabeça aquelas histórias. É, de certo modo, um processo de humanização daquilo que nos cerca.

Para quem curte literatura, ähn, contemporânea, é um prato cheio. Aquela literatura que vai além do "homem branco de meia idade conhece uma menina mais nova que muda sua vida completamente." Fora um momento mais lento aqui e ali, a história não perde o ritmo.

Ah, para quem escreve, é uma aula. Uma aula de como dizer, onde dizer, quando dizer aquilo que se quer transmitir ao leitor. A estrutura deixa espaço para irmos completando as histórias, do mesmo modo que a narradora faz, e mais tarde retoma esses espaços meio que dizendo "viu só como deu certo?"

E tem o final, um final forte, daqueles que ecoará no leitor por muito, muito tempo, depois que o livro se fecha. Se você nunca leu nada da Elvira Vigna, "Nada a Dizer" e esse "Como se estivéssemos em palimpsesto de putas" são ótimas portas de entrada.

---

## **Paulo Fehlauser says**

Embarquei no palimpsesto de putas primeiro porque o título é inescapável. Depois porque falou-se muito de Elvira Vigna nos últimos anos, e não só por causa da sua morte. Mas o livro é muito mais do que um "jogo literário de traições e insinuações", como sugere o texto de apresentação. Costuma-se dizer que um bom romance encarna um universo, e o universo do livro de Elvira existe pelo negativo, como ela chega a dizer: "Pelo negativo é o único momento em que mamadeiras existem para os bebês. Quando atrasam, quando faltam." O negativo aqui são as lacunas de um relato masculino tão asqueroso quanto cotidiano, lacunas que a sua interlocutora tenta preencher sabendo que os livros mentem. O que está em jogo aqui é a autoria, também no sentido de autoridade: "Porque quero contar, eu, o que é de outra autoria. Porque é isso que faço agora: estabeleço uma autoria. Não a minha. Nem a de João. De Lola, a grande ausente".

---

## **Jonas Dornelles says**

!!!!

---

## **Felipe says**

Ela começa se imiscuindo de qualquer responsabilidade em caso de inconsistência narrativa: "Não vivi, não vi. Mal ouvi. Mas acho que foi assim mesmo." E na seara dos narradores pouco confiáveis, essa voz que conduz o Palimpsesto de Elvira é uma pedra muito mais firme, e confiável, que todos os autores de vinte e poucos anos que desgavetam memórias empoeiradas em prol de suas "autoficções". Verão escaldante no Rio de Janeiro, jovem designer se enfia na sala de um profissional de TI e por ser, segundo a visão dele, uma mulher moderna, dessas que tem por aí, começa a ouvir os intermináveis e ridículos relatos de sua ousadia e virilidade ao se envolver com prostitutas, mesmo depois de casado.

Não há discurso à meio-tom; o homem, que serzinho, tão patético, acha que conhece, acha que sabe, é traído pelas palavras que, como num jogo de espelhos se chocam e se enfrentam ao fim/início de cada parágrafo. Palimpsesto caiu como uma bomba num panorama literário dormiente; vivo, é verdade, mas subserviente a uma estética estéril aspirada de sabe-se lá onde, eu aposto que dos Estados Unidos.

Elvira é rigorosa e metódica, frases breves, fluxos de consciência, um tiroteio em curto calibre, mas a energia é uma que não muito se via, e depois de sua morte se verá menos. Para quê autoficção quando a raiva pode ser toda genuína-genuína? "A única coisa a nos garantir que Diadorim não é de fato um homem é a palavra de Riobaldo e, convenhamos, ele não nos diria nada de diferente.

---

## **Everton Olinto says**

Uma perfeição esse livro. Uma dos melhores livros que li nos últimos anos.

"Penso em Gael.

Até hoje, penso em Gael.

Gael de manhã, comigo.

Ele às vezes punha sua mão pequenininha em cima da minha mão, como um adulto poria a mão em cima da mão de uma criança, nós dois ao contrário, papéis trocados.

E ele olhava para mim, e tinha os olhos muito grandes e olhava para mim com a mãozinha em cima das costas da minha mão, como que para me acalmar, como que para dizer que todos nós somos mesmo muito frágeis, paciência.

Tenho uma saudade absurda do Gael.

Agora que olho o escuro da noite lá fora ou, antes, hoje ainda, ou ontem, ou mês passado, ou na rua no meio das pessoas, vendo TV ou fazendo qualquer coisa, quando por acaso bato os olhos nas costas da minha mão e vejo a mãozinha que me cobria a mão e os olhos que chamavam os meus para dizer que a gente é assim mesmo, eu choro. Sozinha, como uma idiota.

Ainda hoje. Sei lá quanto tempo que é assim, e acho que não vai passar."

Pg 77-78

---

## **Marina Carneiro says**

Curioso saber que fui ler meu primeiro livro da Elvira poucas semanas após sua morte. Descobri que Elvira se formou em direito e fez mestrado em comunicação, virou mestre aqui do meu lado, na UFRJ. Elvira escreve com uma implacabilidade e sensibilidade que me despertou uma paixão cáustica. Se apaixonar por um livro é sentir aquela dor de saudade quando a gente termina as últimas frases. Mais do que isso, posso dizer que senti o livro de uma forma física. Alguns trechos me deixavam arrepiada, outros me causavam uma dor no estômago, lágrimas incontroláveis... emoções vulcânicas. Posso afirmar que sou uma outra mulher depois de ler Elvira, tipo aquela transformação que a gente passa quando lê Clarice pela primeira vez? E quando a gente rasga Clarice. Quando a gente se percebe como uma mulher, antes de um ser individualizado. Somos todas parte de um palimpsesto de putas pra toda uma classe de homens-meninos. A sutil conexão que Elvira coloca essa informação relacionada com a o exercício da sexualidade e construção do desejo masculino parte de uma premissa reducionista mas tão bem dissecada e elaborada que transforma de modo arguto. Me conforta saber que é só a primeira de várias obras e textos da Elvira que tenho para explorar.

---

## Tiago Germano says

Dos que li da Elvira Vigna ("O que deu pra fazer...", "Vitória Valentina", "Por Escrito"), o de que mais gostei ou o de que enfim gostei, incondicionalmente. Havia sempre uma certa antipatia com a narradora, seu ar de superioridade diante do mundo ao redor e dos demais personagens me afastava deles e dela, e nunca conseguia um mergulho muito profundo no universo ficcional que era criado. A mim, me parecia sempre um exercício muito mais de discurso que de ficção: que cenário eu vou construir agora para uma personagem, violenta e feroz, abocanhar expondo suas vísceras? Aqui, embora isso persista (esse ar de superioridade, digo, dessa personagem que é igualmente violenta e ferina), noto uma problematização: a mesma crítica, bastante severa, que aplicava a tudo o que se dispunha a narrar, aplicada também a si mesma. Talvez porque ela se agarre tanto ao personagem João, e isso torne ainda mais duro e cruel o panorama que se faz da decadência desse macho e do habitat que ele construiu para si (alijando tudo o que era diferente dele) até mais ou menos a primeira metade dos anos 2000. De resto, me saltou ainda mais aos olhos algo que já me chamava a atenção na prosa da Elvira Vigna: essa deliciosa maneira de narrar, meio espiralada, de cão correndo atrás do rabo mas sabendo muito bem onde quer chegar. A ausência de capítulos é compensada por frases e parágrafos curtos, secos, que tornam difícil o ato de largar o livro. Quase um page turner, com um tapa em vez de afago a cada virar de página.

---

## Gabriel Leite says

Antes de morrer, Elvira Vigna deixou esse romance, que é, como os outros, uma história contada por alguém que não a viveu, só ouviu. E o protagonista é patético, como a narradora faz questão de mostrar. As narrativas são mais ou menos iguais: encontros com prostitutas de luxos em hotéis e restaurantes durante viagens de trabalho. Por isso, talvez, o livro dê essa sensação de palimpsesto (que é um pergaminho reaproveitável, pelo que pesquisei). Sempre fica um pouco do texto antigo por baixo do novo. Nada se apaga completamente.

Separei uns trechinhos pra lembrar depois, como, por exemplo, essa descrição:

"Não tem mais muita gente na praia nessa hora. Os surfistas estão, ao longe, em seu papel de surfistas, que é o de fingir que cavalgam, intrépidos, o mar, as corcovas do mar mas que nem sempre existem, essas corcovas, e eles ficam um tempão lá, as pernas abertas de cada lado da prancha, subindo e descendo embalos, esperando corcovas, talvez na próxima. Ou na próxima ainda."

Ou esse, sobre Lola:

"Lola fica lá, pensando, sozinha. E ela está um pouco triste porque risadas, principalmente as internas, quando acabam, é assim mesmo. Fica, na ausência delas, a tristeza que estava lá desde sempre."

Ou esse, que, pra mim, resume o poder da autora. Porque o livro é quase sempre sobre homens subjugando mulheres, mas quem fala é uma mulher, a desenhista de nus masculinos. Quem está com a caneta (ou o lápis) na mão é ela:

"Mais um homem. Nu. Em cima de um papel rough, embaixo de um lápis 6B. Meu lápis 6B sempre maior do que qualquer pau."

---

## Marilia Ramos says

Putaqueopariu, que livro incrível!

---

## Jana Bianchi says

Há muito tempo não lia um livro que não é fantasia ou ficção científica (ou literatura especulativa de alguma forma). Não sei se isso teve alguma influência, mas essa foi também uma das leituras mais cuidadosas e profundas que fiz nos últimos tempos — tanto que demorei um mês pra ler suas 200 páginas. Lia os parágrafos hiperconsciente da posição de cada palavra, de cada frase, do que era dito e também não dito nas linhas. Li esses dias sobre o conceito de gestalt no design, e não consigo parar de pensar que esse livro é a versão em prosa da Lei da Unificação, em que parte do contexto é dado pra que a nossa mente preencha o resto — um equilíbrio complicado, mas que nesse livro é feito com uma precisão cirúrgica. Gostei demais dos personagens, das imagens construídas, da prosa. Foi um ótimo primeiro contato com a obra de Elvira Vigna.

---

## Dario Andrade says

Elvira é (ou foi) um desses autores que a gente fica sabendo da existência em razão da morte, que foi noticiada em jornais, revistas, sites. Confesso. Não a conhecia. Nesse livro, ela conta a vida de um casal — João e Lola — cuja estória é contada pela narradora, uma amiga(?) de João. Apesar de não ter visto ou participado, se põe a narrar, de modo fragmentário o casamento dos dois.

Entre idas e vindas de um casamento de classe média, João se mostra como o cara que vive com a esposa, mas quando viaja para fora da sua cidade, inevitavelmente sai em busca de prostitutas, é quase um vício ou uma demonstração de masculinidade para os amigos, que fazem o mesmo. Se arregia, se desiste, ou fracassa, é o vacilão. Se é bem-sucedido, especialmente faz pago com uma prostituta e não paga é o suprasumo do sucesso ou da expressão da masculinidade.

Em certo ponto, Lola descobre a vida dupla do marido e aí há o primeiro grande momento de esgarçamento explícito das relações entre homem e mulher do livro. Mas não é a única. Há o final em que isso se repete, mas também as relações entre homem e mulher são postas a prova quando surge um travesti(?), transgênero(?), que desafia os arquétipos — ou seriam estereótipos (?) de gênero.

Talvez ela construa a visão do homem que talvez também seja estereotipada demais. Esse é o homem brasileiro? Essa figura patética e ridícula que vive uma vida dupla? Interessante talvez haver um certo maniqueísmo. Lola, apesar de ser secundário — ou pelo estar à sombra, porque ela é a estória narrada por João para a narradora — é um personagem mais interessante e mais complexo, apesar de que o que sabemos dela é a versão narrada para João, ou seja, camadas e mais camadas a recobrem.

A fragmentação do estilo é interessante e tem achados interessantes. A minha nota seria três estrelas e meia, mas como não dá, fica com três.

---

## Deborah says

Algum dia quero escrever assim.

---

## Lagartazul says

Eu tô é correndo atrás dos outros livros todos dessa mulher que eu não li porque tava ocupada demais comendo mosca. Vacilo puro.

---

## Jhones Rocha says

Duro, difícil, truncado, com deboche da vida de homem branco hetero classe média casado e uma trama incrível, que final. O texto me desafiou no início mas valeu a pena.

---

## Rita says

Nas minhas pesquisas sobre finalistas/vencedores de prêmios literários encontrei Elvira Vigna. Alguns dias mais tarde ouvi a notícia da sua morte, e achei que seria agora o momento de conhecer aquela que alguns chamam “uma das mais importantes autoras brasileiras”.

Na dúvida por onde começar, optei pelo seu último livro **“Como se estivéssemos em palimpsesto de putas”**, e que é considerado, por muitos, a sua obra-prima.

*palimpsesto / s. m.*

*pa•limp•ses•to /ê/*

*substantivo masculino*

*Manuscrito em pergaminho que os copistas na Idade Média apagaram, para nele escrever de novo, e cujos caracteres primitivos a arte moderna não conseguiu fazer reaparecer.*

Não foi fácil! Nada fácil!

Logo no início estive quase a desistir da leitura. Não estava a estava a perceber patavina daquilo. As palavras em português, sozinhas na sua solidão eu até sabia o significado, o problema era quando se juntavam todas e o texto me parecia uma algaraviada de disparates.

Dei por mim mais perdida que cego em tiroteio, mas a teimosia veio ao de cima, reiniciei e de repente tudo começou a fazer sentido e a leitura fluiu.

Com uma narrativa diferente, uma escrita inteligente, arrojada, que nos cerca como uma sebe viva, com frases curtas, duras, onde tudo se revela ou tudo se esconde, ausência de adjetivos, e com recurso a repetições, Elvira vai-nos conquistando aos poucos até estarmos completamente reféns.

Uma história sobre relações interpessoais, machismo, egoísmo, traição, preconceitos e estereótipos, que nos atinge como um murro no estômago e que nos desafia a pensar.



